



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, juntamente com o Presidente do Paraguai, Fernando Lugo, após visita às obras de terraplanagem da subestação de Villa Hayes da linha de transmissão de Itaipu**

**Villa Hayes-Paraguai, 30 de julho de 2010**

**Jornalista:** Uma pergunta ao presidente do Brasil, Lula. Presidente, nós sabemos que esta linha de transmissão, cujas obras estão começando hoje aqui, vai custar 400... vai custar U\$ 400 milhões, financiados pelos Brasil e, ao mesmo tempo, nós sabemos que está lá, no Congresso Nacional, uma iniciativa do governo de triplicar o pagamento pela cessão da energia, que vai resultar em um gasto de US\$ 240 milhões, segundo estou informado, por ano.

Eu não quero entrar aqui em considerações ou no mérito das reivindicações do... das reivindicações do povo paraguaio nem das reivindicações, e legítimas reivindicações, do presidente Lugo, mas tenho que colocar o outro lado, o lado lá do Brasil, onde há uma forte crítica a essas concessões que o senhor está fazendo ao Paraguai, por parte de alguns setores, dizendo que este dinheiro deveria ser usado, isto sim, nos programas sociais do Brasil contra a fome, pela educação, pela saúde. Então, gostaria de saber, presidente Lula, como o senhor responde a essa crítica.

**Presidente:** Olha, primeiro, eu penso que o Brasil tem consciência de que Itaipu foi construída para que o Brasil e o Paraguai se desenvolvessem concomitantemente. Itaipu, quando foi pensada e quando foi construída, não foi para que o Brasil apenas utilizasse a energia de Itaipu, mas que o Paraguai também tivesse o direito de utilizar Itaipu.

Qualquer brasileiro de juízo perfeito, que não tenha má-fé, que pense na América do Sul, precisa saber que o grande ganhador, do ponto de vista do



desenvolvimento econômico, com Itaipu, até agora, foi o Brasil, porque o Paraguai utiliza pouquíssima energia produzida em Itaipu. O que nós estamos fazendo, neste momento, é dando ao Paraguai a oportunidade de ele poder se desenvolver e utilizar os 5 mil megawatts ou 6 mil megawatts a que ele tem direito, utilizando essa energia, trazendo para cá indústrias, trazendo para cá mais agricultura, trazendo para cá mais desenvolvimento. É isso que nós estamos fazendo. Eu acho que, em vez de alguém perguntar se existe algum brasileiro pagando alguma coisa pelo custo da linha de transmissão, nós deveríamos nos perguntar o quanto nós ganhamos não tendo essa linha de transmissão até agora. Então, é preciso que a gente tenha noção de que a economia maior, que a grande economia do Brasil, que trabalha, segundo dado do Banco Mundial, para ser a quinta economia do mundo até 2016, tenha que estender a mão a seus companheiros da América do Sul que têm mais necessidades, para que eles possam crescer igual ou mais do que o próprio Brasil. Acho que dinheiro jogado fora, que trouxe prejuízo ao Brasil, foi a quantidade de dinheiro que nós pagamos de juros da dívida externa brasileira durante mais de 20 anos. E eu era um dos que mais reclamavam. Graças a Deus, nós não só não pagamos mais como agora temos que receber pelo que nós emprestamos ao FMI.

\_\_\_\_\_ : (em espanhol).

**Jornalista:** (em espanhol).

**Presidente:** Não precisa ser aprovado pelo Parlamento brasileiro, porque é o Focem que vai financiar esta obra. O Parlamento já aprovou o Focem há muito tempo e é o Focem que vai financiar essa obra, portanto, não tem que passar pelo governo federal.



Eu queria apenas, ainda, dizer uma coisa em relação, Tônico, à primeira pergunta. Eu acho que qualquer pessoa que quiser criticar deveria fazer um cálculo [de] quanto custa a linha de transmissão que vai trazer para Assunção 500 megawatts e comparar com os benefícios de o Brasil viver mais de um século em paz com todos os seus vizinhos. E a paz e a harmonia em que nós vivemos não tem preço, vale muitas linhas de transmissão como essa.

\_\_\_\_\_ : (em espanhol)

**Jornalista:** Boa tarde, Presidente. O senhor tomou posse em janeiro de 2003. Podemos dizer que, neste caminho da democracia, o senhor praticamente foi contemporâneo, foi quase totalmente contemporâneo com o presidente da Colômbia, Álvaro Uribe, que havia tomado posse poucos meses antes, em agosto de 2002.

Bom, nesses oito anos em que o senhor e o presidente Uribe compartilharam jantares, reuniões, cúpulas presidenciais, muitas reuniões bilaterais, como o senhor se sente que o presidente Uribe tenha dito que o senhor tratou a tal disputa, ou tensão, ou crise, enfim, como possamos definir, entre a Colômbia e a Venezuela, como se fosse uma questão pessoal entre dois presidentes e, segundo o Uribe, que o senhor teria ou relativizado, ou ignorado, ou, enfim, minimizado a ameaça das guerrilhas das Farc?

Eu sei que o senhor vai conversar sobre esse assunto, depois, com o presidente eleito quando for presidente, depois da posse, com o Juan Manuel Santos. Mas como o senhor se sente com isso, sendo, primeiro, que o senhor é um homem de diálogo, e aproveitando isso, também, queria saber se o senhor vai participar do jantar de despedida do Uribe, em Bogotá, na véspera da posse do novo presidente.



**Presidente:** Veja, primeiro, eu não costumo confundir a minha relação de chefe de Estado com a minha relação pessoal com as pessoas e, muito menos, uma divergência pessoal atrapalhar a relação de um Estado com outro Estado. Eu aprendi isso.

Sou amigo do Uribe, tive com o presidente Uribe uma relação de oito anos extraordinária, da mesma forma que eu espero, nesses próximos cinco meses, ter com o presidente Santos, espero que quem vier presidir o Brasil mantenha a mesma visão que eu tenho da integração da América do Sul. Estou indo fazer a reunião bilateral com a Venezuela no dia 6; pretendo, no dia 7, estar no jantar com o presidente Uribe, espero que ele me convide para estar à mesa dele, dia 6 à noite; estarei na posse do presidente Santos, no dia 7, e virei embora à tarde, e Brasil e Colômbia continuarão em harmonia. Obviamente que para dois presidentes se darem bem, os dois não precisam torcer para o Brasil ao mesmo tempo, nem os dois precisam torcer para a Colômbia ao mesmo tempo, cada um torce para o seu time, cada um não abre mão das suas convicções, e as relações continuam, no campo da diplomacia, sendo extraordinárias, que é o que eu e o Uribe construímos ao longo desse tempo todo.

**Jornalista:** (em espanhol)

**Presidente:** Para o Lugo responder, não?

**Jornalista:** (em espanhol)

**Presidente:** *Quieres hablar?*

**Presidente Lugo:** (em espanhol)



**Presidente:** Olhe, da minha parte, eu tenho, muitas vezes, feito reuniões com Chávez e, muitas vezes, feito reuniões com o Uribe. Já fomos à Colômbia várias vezes, discutir problemas com a Venezuela. Já fomos várias vezes à Venezuela discutir problemas com a Colômbia.

E o meu único interesse é que Venezuela e Colômbia entendam a importância que um país tem para o outro, o tamanho da fronteira que os dois países têm, o que representa o fluxo de comércio na balança comercial entre os dois países. E exatamente por isso, eu acho que eles têm que construir a volta à relação da diplomacia, à volta à tranquilidade, para que os dois países possam crescer, se desenvolver, gerar empregos.

O problema da Colômbia com as Farc é um problema da Colômbia com as Farc. Eu, em oito anos de mandato, nunca dei nenhum palpite sobre a questão das Farc, porque é um problema da Colômbia. Agora, a relação entre Colômbia e Venezuela, eu tenho interesse, como membro da Unasul, como país da América do Sul, em que eles tenham a maior convivência harmônica possível, porque os dois países precisam uns dos outros.

Ora, eu não vou dizer que as provas foram contundentes ou não, porque eu não vi e porque não foi sequer em uma reunião oficial da OEA. Eu acho que esse processo vai continuar sendo discutido, mas independentemente desse processo de discussão continuar ou não, eu vou trabalhar, sendo presidente ou não presidente, para que o Brasil trabalhe para reconstruir a relação diplomática entre Venezuela e Colômbia, porque são dois países importantes na relação do Mercosul, na relação da América do Sul e na relação com o Brasil.

Portanto, eu acho que a única palavra que não pode existir nas divergências entre Uribe e Chávez é a palavra “guerra”, a palavra forte que todos nós precisamos falar é a palavra “paz”, a palavra “crescimento econômico”, “desenvolvimento”, “geração de emprego”, “distribuição de renda”, que é isso que deseja o povo da Venezuela e o povo da Colômbia.



Presidência da República  
Secretaria de Imprensa

---

**Entrevista do Presidente da República**

---

\_\_\_\_\_ : (em espanhol).

(\$31DGJLMQ)